

Proposta de Núcleo Temático

Nome: Memórias e lutas sociais no Vale do Submédio São Francisco

Professor coordenador: Adalton Marques

Colegiado responsável: Ciências Sociais (CiSo)

Carga horária: 120h

1. Apresentação e contextualização teórico-conceitual da proposta

Esta proposta de Núcleo Temático pretende engajar docentes e discentes na tarefa teórico-política de construir um memorial das lutas sociais no Vale do Submédio São Francisco, o que exige, como se argumentará mais adiante, abertura política e simetria epistemológica em relação ao ponto de vista de suas/seus protagonistas.

Antes de avançar, é preciso dizer que esta proposta nasce da confluência de dois projetos de extensão, que provocaram sua urgência: 1) o *Projeto nacional de formação em educação e diversidade camponesa*, dirigido a agentes sociais que atuam em condições de conflito agrário, cuja coordenação do Polo Nordeste foi conduzida pelo Prof. Adalton Marques (CiSo-UNIVASF e Krisis – Laboratório de Antropologia, Filosofia e Política) em parceria com as regionais nordestinas da Comissão Pastoral da Terra¹; 2) e o projeto *Sindicalismo no Brasil: correntes e expressões na Educação*, coordenado pelo Prof. Herlon Alves Bezerra (IF Sertão-PE – Campus Petrolina), que estruturou o curso de extensão “Seminários de Formação Sindical no Sertão PE/BA – Sindicalismo no Brasil: história e desafios”, oferecendo 80 horas de formação em entidades sindicais de Petrolina e de Juazeiro².

- 1 Este projeto é coordenado nacionalmente pelos professores Cláudio Lopes Maia, Ismar da Silva Costa e Jadir de Moraes Pessoa, da Faculdade de Educação (Campus Catalão) da Universidade Federal de Goiás. No Polo Nordeste, em quatro módulos (os três primeiros realizados no Espaço Plural da UNIVASF e o último no Centro de Treinamento de Líderes de Carnaíba do Sertão – Diocese de Juazeiro/BA), totalizamos 384h de atividades e atendemos vinte e cinco alunas/os provenientes de diferentes estados e cidades: Ceará (Ocará, Pacujá e Baturité), Bahia (Irecê, Ibotirama, Juazeiro, Piripá, Jacobina, Senhor do Bonfim e Itaetê), Piauí (Santo Antônio de Lisboa, Cural Novo, Barras, Cristino Castro, Simões, Porto e União), Pernambuco (Palmares e Tracunhaén), Rio Grande do Norte (Mossoró), Paraíba (Alagoinha) e Alagoas (Maceió). Nosso Polo contou com a atuação de professoras/es e profissionais provenientes de diferentes regiões e instituições: UFF, Unicamp, UFPE, UFBA, UFRB, UNEB (Senhor do Bonfim), IF-Sertão (Petrolina), CAR-BA (Pró-Semiárido), além da UNIVASF, interseccionando saberes de diversas áreas: Sociologia, História, Direito, Psicologia, Ciência Política, Educação, Teologia, Antropologia, Geografia e Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Também participaram deste projeto (ministrando aula e orientando), a professora Vanderléa Andrade Pereira (CiSo/UNIVASF) e os professores Delcídes Marques (CiSo/UNIVASF), Gabriel Pugliese Cardoso (CiSo/UNIVASF) e Vanderlei Souza Carvalho (CiSo/UNIVASF), todas/os docentes efetivas/os desta proposta de NT.
- 2 Este curso talvez seja a primeira manifestação institucional do Fórum de Formação Sindical do Sertão PE/BA, composto por uma série de entidades: SINASEFE IF SERTÃO-PE (Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica), SINTEPE (Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco), SINDUNIVASF (Seção Sindical dos Docentes da UNIVASF), SINPRO (Sindicato dos Professores

Desses dois projetos, que abrigaram uma série de narrativas de lutas por terra e pela Terra (na medida em que opõem-se ao desenvolvimentismo irresponsável em relação ao meio ambiente), por direitos (e pelo alargamento da noção de cidadania), trabalho (mas não o trabalho precarizado que forma o novo *preariado* urbano), inclusão (mas não a inclusão pela dívida), participação política (mas não por delegação passiva) e também pela ressignificação de valores que *normalizam* nossas vidas (definindo a fronteira entre o *normal* e o *desviante*), surgiu a necessidade de se produzir uma espécie de morada para tantas memórias combativas: um memorial pluralista das lutas e reivindicações que ajudam a contar a história do Vale do Submédio São Francisco³.

Entendemos que as lutas sociais envolvem diferentes ações coletivas, muitas vezes interseccionadas. Como recurso heurístico, visando apresentar uma segmentação provisória desse fenômeno diverso, adotaremos os nove eixos definidos pela pesquisa “Movimentos sociais e esfera pública – impactos e desafios da participação da sociedade civil na formulação e implementação de políticas governamentais”, do Colégio Brasileiro de Altos Estudos (CBAE/UFRJ)⁴: 1) movimento sindical urbano, 2) movimento urbano por moradia, 3) movimento de trabalhadores rurais, 4) movimento indígena, 5) movimento de povos e comunidades tradicionais, 6) movimento negro, 7) movimento de mulheres e feministas, 8) movimento LGBT e 9) movimento de juventude.

É importante ressaltar que o modo como essas lutas plurais constroem e/ou investem uma memória social não passa necessariamente pelo ato de acionar o passado ou de se conectar a uma herança de lutas. Desde 1925, quando foi publicado o trabalho pioneiro de Maurice Halbwachs (1990), *Les cadres sociaux de la mémoire*, sabe-se que o trabalho da memória passa mais pelas contradições do presente do que pelas heranças passadas. A noção de quadros sociais (*cadres sociaux*) dá a exata noção de como as

do Estado de Pernambuco), SINDAE (Sindicato dos Trabalhadores em Água, Esgoto e Meio Ambiente no Estado da Bahia) e UNEGRO – BA (União de Negros pela Igualdade), além de militantes do próprio Fórum. Os encontros ocorreram no SINTEPE, na APLB (Sindicato dos Trabalhadores em Educação das Redes Públicas Estadual e Municipais do Ensino Pré-Escola, Fundamental e Médio do Estado da Bahia), no STTAR (Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Petrolina) e no STR-Juazeiro (Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Juazeiro). Finalmente, é importante mencionar a cooperação do HABITUS – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Política (IF Sertão-PE), coordenado pelo Prof. Herlon, e do Krisis – Laboratório de Antropologia, Filosofia e Política (UNIVASF), coordenado pelo Prof. Adalton, para a realização desse projeto.

3 Formulações componíveis a essas narrativas podem ser fartamente encontradas na bibliografia corrente sobre as mais diversas lutas sociais: para as lutas por terra que são feitas por meio de uma defesa da Terra, cf. as palavras do xamã yanomami Davi Kopenawa (Kopenawa e Albert, 2015); para as lutas pelo direito e pelo alargamento da noção de cidadania, cf. Paoli (1995); para as lutas do *preariado* contra as políticas de espoliação social, cf. Braga (2017); para resistências à inclusão neoliberal pela dívida, cf. Lazzarato (2012); para o questionamento das normalizações, cf. Butler (2003).

4 Essa pesquisa foi fruto da colaboração entre a Secretaria-Geral da Presidência da República (SG-PR) e o Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FCC/UFRJ). O Colégio Brasileiro de Altos Estudos (CBAE/UFRJ) é um centro integrante do FCC/UFRJ (cf. Lopes e Heredia, 2014). Desta pesquisa também resultou o Programa de Memória dos Movimentos Sociais, www.memov.com.br, sediado no CBAE, que interessa singularmente a esta proposta de Núcleo Temático. Voltarei a este ponto no próximo tópico, dedicado à justificativa, bem como no tópico dedicado à exposição da metodologia mobilizada.

memórias coletivas estão relacionadas às exigências sociais contemporâneas, de modo que o passado não é necessariamente preservado, mas reconstruído com base nas necessidades do presente. Isso não significa que o passado possa ser reconstruído ao bel-prazer dos interesses contemporâneos. Nem tudo é possível e, por mais que haja disputas entre grupos políticos divergentes a respeito do passado, não se pode perder de vista o conjunto de convenções culturais que lhes são comuns, quer dizer, partilhadas. Nesse sentido, compreende-se bem o que Arjun Appadurai (1981) quis dizer quando definiu o passado como recurso escasso (*scarce resource*).

Essas lutas plurais instauram e dependem do que se pode chamar de *políticas da memória*, que, no mais das vezes, tratam-se de resistências às perseguições, às elisões, às proibições e aos lapsos impostos por outras políticas da memória, majoritárias, quais sejam, aquelas que se pode chamar de nacionais. Para que possamos *ouvir* o que dizem essas memórias minoritárias, alguns autores reclamam que nossas próprias disciplinas devem ser colocadas no quadro de nossas histórias coloniais, de modo a tornar perceptíveis os meios pelos quais nós (sociólogos, antropólogos, historiadores, etc.) operamos sistemáticos silenciamentos⁵.

Com efeito, a baliza mais fundamental para as relações de ensino, pesquisa e extensão deste NT decorre da virada ético-política que Gilles Deleuze atribuiu às pesquisas de Michel Foucault: “Na minha opinião, o senhor foi o primeiro a nos ensinar alguma coisa de fundamental, tanto nos seus livros quanto em um domínio prático: a indignidade de falar pelos outros” (Foucault e Deleuze, 2006: p. 40). Posicionamento que se afina – politicamente – à distinção epistemológica que Claude Lévi-Strauss (2003: 404) procurou estabelecer, em 1954, entre Sociologia e Antropologia, à primeira reconhecendo os esforços correntes de uma “ciência social do observador” (a sociologia feita por sociólogos), enquanto à segunda a tarefa de consolidar uma “ciência social do observado” (a sociologia feita pelos povos *indígenas*, quer dizer, não-ocidentais).

É também Foucault (1994) quem sublinha, em outra ocasião, que Marx pesquisou muitos documentos elaborados pelos próprios operários, a respeito de suas condições de trabalho durante o século XIX, para construir suas teorias sobre o capitalismo e sobre a revolução do proletariado. Essa capacidade analítica de conceder preeminência ao ponto de vista das pessoas, tal como vivem suas próprias vidas, e, portanto, de lhes reconhecer um saber teórico e político, pode parecer trivial na economia das declarações de intenções de pesquisa, mas é extremamente complexa na economia das práticas de pesquisa. Frequentemente cedemos às armadilhas disciplinares – ou mesmo às

5 Cf. a interessante conversa entre Paul Gilroy e Arjun Appadurai, entrevistados por Vikki Bell (2001).

tentações teóricas – que nos levam a impor nossos problemas teórico-políticos aos problemas teórico-políticos de nossas/os interlocutoras/es (Wagner, 2010; Strathern, 2006; Viveiros de Castro, 2002). As estratégias e táticas discursivas que frequentemente denunciemos nas práticas ordinárias das grandes mídias, dos grandes institutos de pesquisa de opinião, nas declarações das federações de indústrias e nas chantagens das grandes corporações financeiras, também rondam as Ciências Sociais (em que pese o desnível entre os alcances e os interesses em questão). Afinal, se avizinham das práticas de conhecimento os perigos de extrair formulações de suas circunstâncias concretas, de traduzir anseios sem se preocupar com a traição dos sentidos⁶, de se apropriar da potência conceitual e política das teorizações nativas ou de desqualificar o saber que se constitui e circula à margem dos perímetros intelectuais.

Em face desse campo minado, a tarefa deste Núcleo Temático – enquanto componente curricular obrigatório nos currículos plenos dos cursos de graduação da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), que articula o ensino, a pesquisa e a extensão de maneira indissociável – não se resume a formar um acervo de saberes, mas a fazê-los circularem pelo meio de nossas mais bem acabadas formulações teóricas, impondo a concretude de suas *memórias de luta*, de suas *experiências e estratégias*, enfim, de seus *conhecimentos acerca da própria condição de vida*.

2. Justificativa para criação do NT, levando em conta o contexto institucional e regional da Univasf

O Núcleo Temático “Memórias e lutas sociais no Vale do Submédio São Francisco” apresenta-se como uma articulação curricular entre ensino, pesquisa e extensão inovadora para pensar e experimentar a história de nossa região. Apelando novamente ao estudo pioneiro de Halbwachs (1990), poder-se-ia dizer que este NT adere às (e investe nas) exigências de movimentos sociais contemporâneos, empreendendo o trabalho de (re)construir um memorial de suas lutas, de suas lideranças, de seus impasses, de suas relações com o poder público, de seus balanços e de suas avaliações a respeito do presente. O exercício universitário de *escutar as/os* protagonistas das diversas frentes de luta que marcam a história do Vale do Submédio São Francisco pode servir como um

6 Se “traduzir é sempre trair, conforme o dito italiano, uma tradução digna deste nome – aqui estou apenas parafraseando (traduzindo) Walter Benjamin, ou antes, Rudolf Pannwitz – é aquela que trai a língua de destino, não a língua original. A boa tradução é aquela que consegue fazer com que os conceitos alheios deformem e subvertam o dispositivo conceitual do tradutor, para que a *intentio* do dispositivo original possa ali se exprimir, e assim transformar a língua de destino. Tradução, traição, transformação” (Viveiros de Castro, 2015: 87; cf. também, Viveiros de Castro, 2002).

antídoto ao fechamento institucional de nossas práticas, seja em relação ao ensino, seja à pesquisa ou, finalmente, à extensão. Mas mais profundo que esse fechamento institucional, talvez causando-o, está a assimetria epistemológica que nos faz pensar o ensino como *ensinar a eles*, a pesquisa como *pesquisá-los* e a extensão como *estender-lhes nossos conhecimentos*. Nunca é o bastante retomar as lições de Paulo Freire: “o conhecimento não se *estende* do que julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações” (1983: p. 22; *italico no original*). Por conseguinte, “a teoria implícita na ação de estender, na extensão, é uma teoria anti-dialógica. Como tal, incompatível com uma autêntica educação (: p. 26).

Isso já seria suficiente para justificar a pertinência desta proposta de NT. Mas, saíamos do pequeno círculo dos benefícios/remédios voltados às práticas universitárias e vejamos o que pode significar um memorial das lutas sociais do Vale do Submédio São Francisco. Segundo Arruti (1995), foi “através do São Francisco que o movimento colonial, inicialmente esparramado pela Zona da Mata, se afunilou no Agreste e penetrou fundo pelo Sertão” (: p. 63). Oliveira (2014), estudando os Pankará da Serra do Arapuaá, informa-nos que

[e]sse processo expansionista de interiorização do empreendimento colonizador português na América, especialmente na Capitania do Norte, deu-se inicialmente por meio da implantação das missões, sob a égide da Igreja Católica Romana, principalmente com a atuação dos missionários Jesuítas, Capuchinhos e Oratorianos. A atuação desses religiosos contribuiu sobremaneira para o processo de aldeamento de povos indígenas considerados ‘hostis’, o que propiciou o expansionismo colonial (: p. 53).

Isso quer dizer que a terra sobre a qual nos sustentamos e sobre a qual foi erigida a instituição educacional em que atuamos foi banhada de sangue, por séculos, em confrontos assimétricos que dizimaram as populações indígenas. Incrivelmente, dezenas dessas populações resistiram ao genocídio e ao etnocídio (Clastres, 2004: p. 54 e ss.) que recaíram sobre seus modos de vida. Em uma palavra, foram capazes de operar “etnogêneses” e reemergir do estado colonial a que foram submetidos (Oliveira, 2003 e 2004).

Ora, mas esse longínquo passado colonial, caracterizado pela “ocupação econômica das terras americanas” (Furtado, 2007: p. 25), quer dizer, pela implantação da “grande empresa colonial agrícola europeia” (id.: p. 31), continua estruturando o avanço

de nossas fronteiras agrícolas (Velho, 2009 e Palmeira, 1989). Senão, o que poderíamos dizer das comunidades de fundo de pasto, ribeirinhas e quilombolas que resistem diuturnamente às diversas formas jurídicas de grilagem (Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais, 2017), quase sempre acompanhadas por ameaças e violências perpetradas contra suas lideranças? Desde 1985 a Comissão Pastoral da Terra denuncia essas violências, mapeando os conflitos agrários que estruturam a questão fundiária brasileira⁷. Em nossa região, esses cadernos evidenciam os efeitos que as barragens hidrelétricas, a implantação de parques eólicos e de usinas fotovoltaicas e as grandes empresas de mineração provocam na vida de milhares de pessoas que, apesar de tudo, e contra quase todas as condições objetivas, continuam a resistir, a produzir e a viver em suas terras.

Outras tantas lutas e resistências atravessam e se intersectam na experiência social do Vale do Submédio São Francisco. Dezenas de entidades sindicais, como ficou claro ao longo do curso de extensão “Seminários de Formação Sindical no Sertão PE/BA – Sindicalismo no Brasil: história e desafios”, possuem histórias que remontam aos grandes empreendimentos agrícolas e energéticos que estruturaram o tecido rural e urbano das cidades que compõem o Submédio do Vale do São Francisco. Neste mesmo curso, explorando as intersecções entre o movimento sindical e os movimentos negro, feministas e de juventude, presenciamos uma série de narrativas acerca do florescimento das lutas contra o racismo, o machismo e o autoritarismo desde a transição democrática⁸.

Inspirados pelas lutas desses diversos movimentos sociais e pelo Programa de Memória dos Movimentos Sociais (www.memov.com.br) da UFRJ, abrigaremos no site do Krisis – Laboratório de Antropologia, Filosofia e Política da UNIVASF (<https://krisisunivasf.wordpress.com/>) o MemoLutas – Vale do Submédio São Francisco (Memorial das Lutas Sociais do Vale do Submédio São Francisco). Segundo nosso entendimento, esse acervo poderá auxiliar e ampliar o alcance das demandas reclamadas pelas cidadãs e pelos cidadãos que compõem esses movimentos sociais, na medida em que realiza um tipo de transformação (biográfica e bibliográfica) em seus conteúdos capaz de lhes conferir reconhecimento institucional (educacional, universitário) sem capturar ou colonizar os meios autônomos pelos quais conduzem suas lutas.

3. Objetivos do Núcleo Temático

7 Cf. <https://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes-2/conflitos-no-campo-brasil>.

8 Os cinco encontros deste curso de extensão tiveram os seguintes temas e datas: “O dilema da liberdade sindical” (24/08/2019); “A questão racial no universo sindical” (14/09/2019); “Juventude e sindicalismo” (19/10/2019); “As primeiras mulheres sindicalistas da história brasileira e as questões de gênero no âmbito sindical” (09/11/2019); e, finalmente, “Organizações das bases no trabalho sindical” (07/12/2019).

3.1. Objetivo geral

Instituir um ambiente educacional capaz de articular, de maneira indissociável, o ensino, a pesquisa e a extensão em torno da tarefa de constituir um memorial das lutas sociais do Vale do Submédio São Francisco. E realizar essa prática de modo interdisciplinar, aliando recursos da Antropologia, da Educação, da Ciência Política, da Economia e do Desenvolvimento Socioambiental.

3.2. Objetivos específicos

- Realizar uma cartografia preliminar dos movimentos sociais das cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), que deverá ser completada a cada edição deste NT, de modo a agregar as experiências dos demais municípios que compõem o Vale do Submédio São Francisco;
- Sistematizar esses dados com base na supracitada pesquisa do Colégio Brasileiro de Altos Estudos (CBAE/UFRJ), classificando-os como: 1) movimento sindical urbano, 2) movimento urbano por moradia, 3) movimento de trabalhadores rurais, 4) movimento indígena, 5) movimento de povos e comunidades tradicionais, 6) movimento negro, 7) movimento de mulheres e feministas, 8) movimento LGBT e 9) movimento de juventude;
- Definir os movimentos sociais que podem ser acionados na primeira edição deste NT, considerando três critérios centrais: 1) a aceitação para cooperar com o NT; 2) a disponibilidade de suas/seus militantes; e 3) a desnecessidade de empregar recursos (deslocamento para outras cidades, alimentação e estadia) para as entrevistas⁹;
- Realizar estudos prévios sobre as histórias dos segmentos dos movimentos sociais que serão entrevistados, de modo a produzir questionários (semiestruturados) capazes de estimular suas narrativas históricas;
- Treinar (em grupo) a aplicação de questionários semiestruturados e experimentar situações concretas de aplicação;
- Transcrever (caso a produção final seja um texto) ou editar (caso seja um vídeo ou um áudio) as entrevistas e apresentar para as/os entrevistadas/os, pedindo-lhes para avaliar a qualidade do resultado e, por conseguinte, se suficiente para ser publicado ou se necessário realizar uma segunda rodada de entrevista;

9 Há um quarto critério que lançaremos mão condicionalmente, em razão da ausência de fomento para este componente curricular: a preeminência das/os militantes mais idosas/os.

- Apresentar à comunidade, inclusive às/aos colaboradoras entrevistadas/os, os resultados finais obtidos durante os trabalhos do NT.

4. Metodologia

O Núcleo Temático “Memórias e lutas no Vale do Submédio São Francisco” será organizado em três etapas, mobilizando tarefas específicas e sequenciadas:

I. O coordenador realizará uma apresentação pormenorizada da proposta do NT às/aos alunas/os. Após essa apresentação, cada uma/um das/os professoras/es apresentará sua perspectiva teórico-metodológica e a maneira como pretende abordar a tarefa proposta pelo NT. O docente convidado, Prof. Herlon Alves Bezerra (IF Sertão-PE), traçará um panorama das lutas sociais no Vale do Submédio São Francisco. Feito isso, construiremos coletivamente um quadro preliminar dos movimentos sociais das cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), classificando-os como 1) movimento sindical urbano, 2) movimento urbano por moradia, 3) movimento de trabalhadores rurais, 4) movimento indígena, 5) movimento de povos e comunidades tradicionais, 6) movimento negro, 7) movimento de mulheres e feministas, 8) movimento LGBT e 9) movimento de juventude. Por fim, organizaremos oito grupos compostos por cinco discentes cada e os dividiremos entre as/os oito docentes que desempenharão a tarefa de orientação;

II. As/os docentes orientadoras/es, junto aos seus grupos de trabalho, definirão os movimentos sociais que podem ser acionados na primeira edição deste NT, considerando os três critérios expostos em “Objetivos específicos”: 1) consentimento das/os colaboradoras/es, 2) disponibilidade de suas/seus militantes e 3) não exigência de dispêndio de recursos. Após definir o movimento social ao qual se dedicará, cada grupo realizará um estudo prévio sobre o segmento escolhido e produzirá o questionário (semiestruturado) que será mobilizado durante a(s) entrevista(s). Será importante, também, realizar um treinamento (em grupo) para a aplicação desse questionário. Estando todas/os preparadas/os, realizar-se-á a(s) entrevista(s). Após isso, chega-se ao momento de transcrever (caso a produção final seja um texto) ou editar (caso seja um vídeo ou um áudio) as entrevistas. Findada essa tarefa, reforçando o caráter extensionista (dialógico) da atividade, o grupo deve apresentar o resultado final às/aos entrevistadas/os, pedindo-lhes para avaliar a qualidade do resultado e, por conseguinte, se suficiente para ser publicado ou se necessário realizar uma segunda rodada de entrevista. Caso seja preciso, a entrevista deve ser refeita ou complementada;

III. Na última etapa, cada grupo fará uma apresentação da produção final, o que envolve não apenas a entrevista transcrita/editada, mas também a exposição do processo de construção coletiva desse trabalho. Em consonância à dimensão extensionista e dialógica da atividade, essa apresentação será aberta à comunidade e solicitaremos ampla divulgação à Assessoria de Comunicação Social (Ascom) da UNIVASF e à TV Caatinga. Além disso, convidaremos diretamente as/os entrevistadas/os e enviaremos um convite para a lista de e-mails da Comissão Pastoral da Terra de Juazeiro e do curso de extensão “Seminários de Formação Sindical no Sertão PE/BA – Sindicalismo no Brasil: história e desafios”. Ainda nesta última etapa, após a realização das apresentações, realizaremos as avaliações das/os alunas/os e uma avaliação conjunta (docentes e discentes) das atividades do semestre, que servirá para aprimorar e/ou corrigir as futuras edições deste NT.

4.1. Carga horária, duração e local

A carga horária do NT “Memórias e lutas sociais no Vale do Submédio São Francisco” será de 120h, com previsão de duração de um semestre letivo. Ele será ofertado anualmente, sempre nos semestres ímpares (primeiros semestres).

Os encontros da primeira etapa, assim como a avaliação coletiva final, ocorrerão na Sala 41 do Colegiado de Ciências Sociais, localizada no 1º andar do Prédio da Biblioteca do Campus Juazeiro. Essa sala tem capacidade para 50 pessoas, é equipada com cadeiras e mesas, televisor, caixa de som, projetor e notebook.

Para desenvolver as atividades da segunda etapa, cada docente poderá usar a Sala 41 ou reservar outra sala junto à Coordenação de Administração do Campus Juazeiro (via e-mail cacjua@univasf.edu.br ou pelo telefone (74)2102-7608).

Finalmente, as apresentações das produções finais serão realizadas nas salas de Núcleo Temático do Campus Juazeiro, a ser previamente reservadas junto à Coordenação de Administração.

4.2. Cronograma de execução semestral

Plano de trabalho semestral (2020.1)			
Etapa	Participantes	Atividade e carga horária	Carga horária

			total
I	Todas/os docentes e discentes	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação geral da proposta do NT (4h); - Apresentação/exposição de cada um/a dos/as docentes (16h); - Exposição do panorama das lutas sociais no Vale do Submédio São Francisco (4h); - Construção de um quadro preliminar dos movimentos sociais das cidades de Juazeiro e Petrolina (4h); - Organização dos grupos de trabalho e divisão entre as/os docentes efetivas/os (2h). 	30 horas (25 %)
II	Cada docente efetiva/o com seu grupo de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Definição dos movimentos sociais que serão acionados (4h); - Estudos dirigidos a respeito do segmento ao qual faz parte o movimento social acionado (20h); - produção de questionário semiestruturado (2h) ; - Treinamento (em grupo) para a aplicação de questionário (2h); - Realização de entrevista(s) (6h); - Transcrição ou edição da(s) entrevista(s) (20h); - Apresentação do resultado final às/aos entrevistadas/os (6h); - Avaliação do resultado e possível complemento da entrevista (10h). 	70 horas (58%)
	Todas/os docentes e discentes,	<ul style="list-style-type: none"> - Planejamento da divulgação da apresentação das produções finais (contato com as/os colaboradoras/es, com movimentos sociais, com a Ascom e 	20 horas

III	mas mantendo as formações dos grupos de trabalho	com a TV Caatinga) (8h); - Apresentação das produções finais (8h); - Avaliação das/os alunas/os (2h); - Avaliação conjunta das atividades do semestre e construção de sugestões para as futuras edições deste NT (2h).	(17%)
-----	--	---	-------

4.3. Materiais necessários

Para os encontros gerais ou em grupos de trabalho, além dos espaços supracitados, as atividades do NT dependerão da disponibilidade de quadro branco, pincéis, projetor e acesso à internet.

Para as entrevistas, poderá ser utilizada a câmera digital do Colegiado de Ciências Sociais. De todo modo, cada docente disponibilizará seu smartphone para gravar (voz ou vídeo) as entrevistas.

4.4. Oferta de vagas e distribuição entre cursos

O NT “Memórias e lutas sociais no Vale do Submédio São Francisco” ofertará 40 vagas a cada edição.

Essas vagas serão distribuídas da seguinte maneira: 5 vagas para o(s) curso(s) de origem de cada um/a dos/as docentes orientadores/as (ou seja, coordenador e efetivas/os). Caso sobrem vagas nessa distribuição, as mesmas serão redistribuídas para outros cursos da UNIVASF, mantendo preferência às/aos alunas/os dos cursos de bacharelado e de licenciatura do Colegiado de Ciências Sociais.

5. Relação dos docentes e convidados participantes

Servidor/ Colegiado/ Área de atuação	Atribuições no NT	Carga Horária
Docentes Efetivos		
1 – Adalton Marques/ Colegiado de Ciências Sociais/ Antropologia da Política	Coordenador, expositor e orientador	60 horas
2 – Gabriel Pugliese Cardoso/	Expositor e orientador	30 horas

Colegiado de Ciências Sociais/ Antropologia da Ciência		
3 – Delcídes Marques/ Colegiado de Ciências Sociais/ Antropologia da Religião	Expositor e orientador	30 horas
4 – Vanderléa Andrade Pereira/ Colegiado de Ciências Sociais/ Educação	Expositora e orientadora	30 horas
5 – Vanderlei Souza Carvalho/ Colegiado de Ciências Sociais/ Ciência Política	Expositor e orientador	30 horas
6 – Janedalva Pontes Gondim/ Colegiado de Artes Visuais/ Educação	Expositora e orientadora	30 horas
7 – José Raimundo Cordeiro Neto/ Colegiado de Administração/ Economia e Administração	Expositor e orientador	30 horas
8 – Leonardo Milanez de Lima Leandro/ Colegiado de Administração/ Administração e Desenvolvimento Socioambiental	Expositor e orientador	30 horas
Docente Convidado		
9 – Herlon Alves Bezerra/ IF Sertão Pernambucano/ Educação Brasileira (Filosofia e Sociologia da Educação)	Proferirá palestra a respeito do panorama das lutas sociais no Vale do Submédio São Francisco (4h) e nos auxiliará na construção do quadro preliminar dos movimentos sociais das cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (4h).	8 horas

Em anexo seguem as anuências dos participantes, tanto das/os efetivas/os, quanto do convidado. Além da anuência do Prof. Herlon Alves Bezerra, segue também a Carta

convite que lhe encaminhei como coordenador do Krisis – Laboratório de Antropologia, Filosofia e Política. Informo que o convênio/ termo de cooperação técnica que viabiliza a sua participação neste NT está sendo providenciado junto à PROEX, em contato direto com Heloísa Helena Mafrá. Também segue em anexo o despacho da Coordenação do Colegiado de Ciências Sociais informando a aprovação pelo NDE-CiSo.

É importante ressaltar que embora os oito componentes efetivos distribuam-se em três colegiados distintos, atendem a quatro cursos de graduação. Sublinho isso para justificar a presença de cinco professores do Colegiado de Ciências Sociais, responsável pelos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais.

Ademais, é importante ressaltar o caráter composto dos cursos de Ciências Sociais, especificidade brasileira, pois funcionam como “guarda-chuva” de três áreas distintas: Antropologia, Ciência Política e Sociologia. No caso deste NT, as/os participantes do Colegiado de Ciências Sociais são provenientes de três áreas distintas (Antropologia, Ciência Política e Educação). Apesar da predominância de antropólogos (três), sublinho os campos de pesquisa variados dos três profissionais, provenientes de subáreas diferentes (conforme exposto no quadro acima).

Finalmente, informo que o professor Sérgio Marcelino da Motta Lopes, do Colegiado de Engenharia Civil, com formação em Arquitetura e Urbanismo, também endossa a proposta, mas não poderá participar inicialmente por conta da compatibilidade de agenda (está finalizando sua tese de doutorado). Todavia, pretende se juntar ao nosso NT futuramente.

6. Avaliação

O NT contará com dois processos avaliativos. No primeiro, as/os professoras/es orientadoras/es avaliarão o desenvolvimento de suas/seus orientandas/os no processo global da produção da(s) entrevista(s). No segundo, todas/os professoras/es avaliarão, conjuntamente, as apresentações das produções finais por grupo. Cada uma dessas avaliações valerá 10 pontos. E a média final será a soma das duas notas obtidas dividido por 2.

Desta forma, será aprovado no NT a/o aluno/a cuja média for igual ou superior a 7,0 (sete) pontos. Será considerada/o reprovada/o a/o aluno/a que obtiver frequência inferior a 75% (setenta e cinco por cento) nas atividades programadas para o NT.

Com o objetivo de aperfeiçoar a proposta do NT, visando suas futuras edições, realizaremos uma avaliação conjunta (docentes e discentes) e crítica das atividades do

semestre, construindo um banco de sugestões a partir da identificação de dificuldades, da problematização das formas de ações e do encaminhamento de propostas.

7. Referencias bibliográficas

APPADURAI, Arjun. (1981). The past as a scarce resource. *Man*, New Series, Vol. 16, No. 2, pp. 201-219.

ARRUTI, José Maurício Andion. (1995). Morte e vida do Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n.15, p.57-94.

ASSOCIAÇÃO DE ADVOGADOS DE TRABALHADORES RURAIS. (2017). *No rastro da grilagem*. Formas jurídicas da grilagem contemporânea: casos típicos de falsificação na Bahia. Salvador: AATR.

BELL, Vikki. (2001). Memória histórica, movimentos globais e violência. Uma conversa entre Paul Gilroy e Arjun Appadurai. *Cadernos Pagu* (16): pp. 289-318.

BRAGA, Ruy. (2017). *A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global*. São Paulo: Boitempo.

BUTLER, Judith. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CLASTRES, Pierre. (2004). *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify.

HALBWACHS, Maurice. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice.

FOUCAULT, Michel. (1994). Par-delà le bien et le mal. In: *Dits et écrits I, Tome II (1970-1975)*. Paris: Gallimard, pp. 223-236.

FOUCAULT, Michel e DELEUZE, Gilles. (2006). Os intelectuais e o poder. In: *Ditos & escritos IV: estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 37-47.

FREIRE, Paulo. (1983). *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FURTADO, Celso. (2007). *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.

LAZZARATO, Maurizio. (2012). *O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal*. São Carlos: EdUFSCar.

LÉVI-STRAUSS, Claude. (2003). Lugar da antropologia nas ciências sociais e problemas colocados por seu ensino. In: *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

PALMEIRA, Moacir (1989). Modernização, Estado e questão agrária. *Estudos Avançados*, v.3, n.7, p. 87-108.

LOPES, José Sergio Leite e HEREDIA, Beatriz (Orgs.). *Movimentos sociais e esfera pública: o mundo da participação*. Rio de Janeiro: CBAE, 2014.

OLIVEIRA, João Pacheco de. (2004). Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contra-cap, p. 13-41.

_____. (2003). A problemática dos “índios misturados” e os limites dos estudos americanista: um encontro entre antropologia e história. In: *Parry Scott, George Zarur (orgs.), David Maybury Lewis (colab.). Identidade, fragmentação e diversidade na América Latina*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p. 27-47.

OLIVEIRA, Edivania Granja da Silva. (2014). *Os índios Pankará na Serra do Arapúá: relações socioambientais no sertão pernambucano*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

PAOLI, Maria Célia. (1995). Movimentos sociais no Brasil: em busca de um estatuto político. In: *Movimentos sociais e democracia no Brasil*. São Paulo: Marco Zero.

STRATHERN, Marilyn. (2006). *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora da Unicamp.

VELHO, Otávio. (2009). *Capitalismo autoritário e campesinato: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. (2002). Nativo relativo. *Mana*, 8(1), pp. 113-148.

_____. (2015). *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.

WAGNER, Roy. (2010). *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.